

**IMPLICAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS NA INVESTIGAÇÃO TURÍSTICA**

Marcelino Castillo Nechar<sup>\*</sup>  
Universidad Autónoma del  
Estado de México - Toluca  
Alexandre Panosso Netto<sup>\*\*</sup>  
Universidade de São Paulo  
São Paulo-Brasil

**Resumo:** O artigo apresenta uma reflexão das implicações epistemológicas na investigação turística e buscar construir e produzir conhecimento em turismo que destaque a contraposição que comumente se pretende entre teoria e prática, ciência e cientificidade, crítica e interpretação decantadas por processos teóricos metodológicos objetivados (ou seja, positivistas), devido à hegemonia e carga argumentativa da ciência moderna. No caso do turismo, se analisa concretamente o que tem sido a construção de seu conhecimento mediante um breve panorama que mostra suas orientações e vieses, tanto no âmbito mundial, como no México e no Brasil, observando à carência de uma investigação crítica, destacando a importância que têm as Instituições de Educação Superior (IES) e o desafio que leva a gestar as condições para um pensamento e investigação crítica-reflexiva nas universidades que estudam e investigam o turismo. Esta reflexão toma como marco a perspectiva crítica que combina a reflexão filosófica e a análise pragmática dos objetos em questão.

**PALAVRAS CHAVES:** epistemologia, crítica, ciência, investigação, turismo.

**Abstract:** *Epistemological Implications in Tourism Research.* The article presents a reflection of the epistemological implications of tourism research with the aim of creating and producing knowledge of tourism, among which the opposition is often commonly made between theory and practice, science and scientific criticism and interpretation, decanting theoretical and methodological objectified processes (positivist), due to the hegemony and argumentative burden of modern science. In the case of tourism, specifically discusses what has been the construction of knowledge through a short scene showing their orientations and biases, both worldwide and in Mexico and Brazil, noting the lack of critical research, highlighting the importance of higher education institutions (HEIs) and the challenge involved gestate the conditions for a thought-reflective and critical research in universities and research studying tourism. This discussion takes a critical perspective as a framework that combines the philosophical and pragmatic analysis of the objects in question.

**KEY WORDS:** epistemology, criticism, science, research, tourism.

<sup>\*</sup> Graduado em Turismo e Doutor em Ciências Políticas e Sociais. Professor na Universidad Autónoma del Estado de México. Toluca-México. E-mail: marcanec62@hotmail.com

<sup>\*\*</sup> Graduado em Filosofia e Turismo e Doutor em Ciências da Comunicação. Professor na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. São Paulo-Brasil. E-mail: panosso@usp.br; Blog: <http://panosso.blogspot.com>

## INTRODUÇÃO

No curso da evolução da sociedade, tem sido claro o papel que tem jogado a pesquisa e a ciência como elemento fundamental dos processos econômicos, sociais e culturais, que incidem diretamente na formação de novos paradigmas e concepções para a humanidade.

O conhecimento oriundo da investigação chamada “científica” tem permitido não somente descrever e explicar, como também prever o comportamento dos diferentes processos naturais e sociais, com a finalidade de incidir neles e transformar a realidade sobre a qual se deseja atuar, mediante o desenvolvimento de novas teorias e aplicações tecnológicas. Esta concepção de “cientificidade” com a que se tem qualificado a investigação, é uma visão objetivada dos processos de produção do conhecimento, mas não é a única. Feyerabend (1989) afirmava: “O que os racionalistas tentam vender, clamando pela objetividade e pela racionalidade, é uma ideologia tribal própria. O desafio na construção do conhecimento não é a aplicação de noções, termos, categorias ou processos mensuráveis estabelecidos, se não meditar, refletir e reinterpretar aqueles fenômenos, manifestações e fatos de forma a destacar o valor do diálogo, a descontinuidade e a ruptura de conhecimentos”.

No caso da produção do conhecimento em turismo, seu tratamento tem caído em uma perspectiva cientificista, concebendo um tipo de explicações unívocas (de rigor, sistematicidade, logicidade, exatidão e medida positivista) que por ser “nova” tem transposto modelos e métodos desta natureza, bem como aperfeiçoando suas bases em neopositivismos, neoestruturalismos e neofuncionalismo para dar sentido a tais explicações e justificar aplicações em sua vertente tecnológica. Contudo, se deve desenvolver uma investigação de tipo causal-explicativa para adentrar em uma do tipo crítico-reflexivo-interpretativa, que permita pensar e repensar isto que é chamado turismo, tanto para a produção de seu saber específico como para a condução das atividades relacionadas a ele.

A intenção de fazer as atividades, fatos e fenômenos vinculados com o fenômeno turístico um instrumento de desenvolvimento de indivíduos, grupos e regiões se apoiará sobre o conhecimento preciso que sobre ele se tem, mais além das triviais discussões de que se é ou não uma ciência, de que se é uma produção teórica ou conhecimento aplicado, etc., discussões estas que não levam a lugar algum, e sempre pairam no relativismo e “achismo” conceitual.

A investigação do turismo tem esquecido as implicações epistemológicas que permitem construir conhecimento, produzir processos metodológicos *ad-hoc* aos objetos investigados e, sobretudo, a importância que tem a reflexão filosófica mais além do construir “explicações teóricas” que derivam de observações sensoriais dos objetos manifestos, denomine-se isto de deslocamentos de turistas, impactos socioambientais, políticas turística ou inovação tecnológica, apenas para mencionar alguns.

A reflexão proposta *não implica propor o turismo como ciência*, mas sim mostrar que outras perspectivas de investigação, apoiadas na crítica e reflexão filosófica, permitem esclarecer o termo “ciência” como não privativo do cânon da cientificidade moderna, nem restrito à repetição nomológica de seus processos, princípios e argumentos, mas como a plausibilidade de entender ciência no turismo como a produção de um conhecimento com a rigorosidade que permite analisar as suas aporias (contradições e opostos inerentes ao social em turismo) mediante a reflexão crítica dos argumentos que sustentam seus discursos.

## O PROBLEMA FUNDAMENTAL E A ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA A SEGUIR

A construção do conhecimento do turismo tem sido tema básico de diversos investigadores que se reconhecem como pioneiros da teoria do turismo, tais como Morgensten, Erenspengel, Glücksmann, Borman, Troisi, Guyer-Freuler e Stradner, sem esquecer, todavia, os chamados pais do estudo do turismo moderno, Hunziker e Krapf, que propuseram – já em 1942 – a Doutrina Geral do Turismo com uma orientação econômica e sociológica em conjunto, que destacava que os turistas daquele tempo eram amantes do patrimônio cultural dos lugares visitados. Seus estudos foram dirigidos para o conhecimento dos gostos e necessidades dos diferentes tipos de segmentos de demanda e, mais tarde, com o aperfeiçoamento das técnicas de promoção, publicidade e comercialização, foram direcionados ao aumento da demanda.

Outros contemporâneos como Luis Fernández Fuster (1978), Manuel Ortuño Martínez (1966), Manuel Ramírez Blanco (1981), Oscar de la Torre Padilla (1980), entre outros, influenciaram na percepção que o turismo possui uma *ciência* que se origina na *teoria* desenvolvida sobre este fenômeno e sua *prática*. Não parece surpreendente que Fernández Fuster (1978) perguntasse: “É o turismo uma ciência?” nesses tempos de especialização em que se vive, a consideração científica do turismo se coloca esta pergunta como um problema prestigioso, somando que o fenômeno forma hoje em dia um corpo de conhecimento com entidade própria suficiente para que possa reclamar a categoria de especialização científica. Sem dúvidas, reconhecia este autor que as discussões sobre se o turismo é ou não ciência, estavam na ordem do dia entre os investigadores. Para ele, os estudos turísticos haviam conduzido a uma teoria turística, a prática do turismo, a uma técnica. Neste sentido, Fernández Fuster afirmava:

“Teoria e técnica de um fenômeno social, econômico, político, cultural e tudo o que se quer, não é ciência por suas incidências nesses campos, nem pelo volume de pessoas que ao tema se dedicam; será ciência por sua doutrina sistematizada, lógica e válida”. (Fernández Fuster, 1978, p. 17).

Este tipo de assertiva tem dado lugar ao entendimento que o turismo é uma disciplina científica e que tem um corpus teórico que permite seu estudo sistemático a partir de critérios rígidos, sistemáticos, de validação de forma positivista para a construção de seu conhecimento, representam

uma interpretação laxa, uma vez que não explicam o sentido que tem a investigação científica em si, a teoria, a prática e muito menos o que implica construir conhecimento – epistemologia - com caráter científico no campo do turismo.

Esta perspectiva de investigação no turismo se firmou na atualidade com os argumentos postos pela Organização Mundial do Turismo (OMT), com o apoio de seus especialistas, nos quais se observam imprecisões não somente teóricas, mas também pragmáticas. Um caso concreto é o que denuncia Muñoz de Escalona (2004) sobre o argumento que se tem a respeito da formação da oferta na economia do turismo, por parte dos expertos e assessores da OMT, na qual se indica que “... a dita oferta está formada por tantos ramos produtivos como tem o sistema de referência. No entanto, na prática, isto é esquecido (deliberadamente?) e somente se consideram os ramos que em cada país se orientam para satisfazer as necessidades dos turistas, ainda que seja evidente que também satisfaçam as necessidades dos não turistas” (Muñoz de Escalona, 2004: 2). Isto significa que, apesar de que em teoria se considera que a oferta turística está formada, no melhor dos casos, por um conjunto heterogêneo de atividades produtivas, afinal a OMT assim concebe, subliminarmente na prática, o turismo é visto como um ramo específico da atividade do sistema produtivo.

Recentes são as propostas que realizou Jafar Jafari nos anos de 1970, quando em 1973 cria o periódico *Annals of Tourism Research*. Em 2000, com a publicação da *Encyclopedia of tourism* Jafari sustentou que o turismo é “maior indústria do mundo” (Jafari, 2000: xvii) que acaba de adquirir o status de ciência. Segundo esse autor, o turismo é tão singular que pode apresentar-se em diversas formas, dentre as quais enumera:

- ✓ Definições básicas
- ✓ Conceitos
- ✓ Temas
- ✓ Assuntos
- ✓ Problemas
- ✓ Perspectivas
- ✓ Instituições

Jafari, com a autoridade que lhe confere ser um dos mais importantes expertos do turismo, assegura que o turismo é de âmbito interdisciplinar e, sobre o status científico do turismo, disse: “À medida que um campo de estudo evolui até sua maturidade, se introduzem e se perseguem novas medidas bem fundamentadas que mostrem um progresso sucessivo e assinalam o caminho para a transição desejada (...) uma visão global (...) ilustraria de forma geral esse trajeto que se vai descobrindo no âmbito turístico até adquirir o status de ciência”... (Jafari, 2000: 275).

Como se pode observar, foi criada uma série de idéias e crenças do turismo e seu conhecimento que oscilam entre as descrições positivistas até as interpretações sociológicas da doutrina geral de

conhecimentos que mostram as limitações da análise crítica em torno de certas implicações que o conhecimento, em geral, tem deixado claro, mas que o campo do turismo não tem compreendido, resultado de sua inadequada construção.

Por tal motivo, serão deslindadas questões básicas relacionadas à ciência e ao científico, o sentido de investigar, a crítica e a interpretação, a relação teoria-prática como um todo intrinsecamente relacionado, com o propósito de mostrar as limitações que no âmbito internacional têm incorrido a investigação turística ocasionando a falta de um trabalho crítico, reflexivo e interpretativo das tendências da investigação inter e transdisciplinares, mostrando a tentativa que a epistemologia está realizando no turismo e a importância que cobra a investigação crítica na universidade na formação de seres pensantes, propositivos e transformadores de seu momento histórico, para além das bondades que mostra o discurso convencional da sociedade da informação atual.

Muñoz de Escalona indica: “O mais urgente em turismo não é outra coisa que a crítica científica em profundidade de um corpus teórico com um século e meio de existência que já não serve para conhecer o turismo nem para resolver adequadamente seus problemas a fim de substituí-la por outra com mais capacidade de oferecer uma explicação da realidade que sirva de guia para orientar as mais adequadas estratégias de investimento de acordo com o mercado” (Muñoz de Escalona, 2004: 8-9).

Neste sentido introduz-se um procedimento de corte teórico metodológico que se denomina crítico, para desabrochar a análise. Tal procedimento implica reconhecer certos traços, segmentos e cadeias que conduzem essa perspectiva crítica. Para muitos, talvez pela limitação positivista da ciência, seria importante observar um processo metódico-técnico do proceder reflexivo da perspectiva epistemológica denominada crítica, no entanto, assinala-se o sustento da perspectiva, o processo – grosso modo – de concatenar a reflexão crítica e o sentido que busca propor, dado que desde a concepção originária da Escola de Frankfurt até os aportes do herdeiro desta visão – Habermas – a epistemologia crítica não segue um padrão técnico preestabelecido, senão que combina filosofia e pragmática para propor uma transformação nos objetos que estuda.

A orientação crítica desta epistemologia toma como fundamento o projeto da *Teoria Crítica*, escola de pensamento originária em Max Horkheimer que orienta seu pensamento interdisciplinar até uma transformação-emancipação da sociedade onde o político, o ético, o social e o econômico se fundem para sustentar a reflexão que não somente ressalta as determinações sociohistóricas que dão vez à modernidade, senão, sobretudo, o sujeito que esta produz assim como o conhecimento produzido. Esta orientação é uma modulação político-ética por parte da filosofia social, que tem como fundo os processos de transformação e evolução das sociedades do capitalismo avançado (Ortiz: 16. Em: Páex, 2001). Cabe assinalar que a filosofia, na medida em que não oferece instrumentos objetivados para a análise da sociedade, de seus sujeitos ou dos conhecimentos produzidos, tem

que recorrer às ciências sociais para empreender estudos concretos e fazer da sociedade e seus elementos o objeto de sua investigação.

Num sentido programático, se pode afirmar que a *Teoria Crítica* propõe a fusão da investigação empírica e a filosofia, assumindo assim seu vínculo com os fenômenos sociais no marco de um enfoque interdisciplinar, resgatando os aspectos objetivos das ciências sociais sob uma reflexão filosófica e epistemológica dos objetos estudados.

Desta forma, propõe-se analisar e refletir criticamente o sentido que tem o turismo como disciplina científica, a produção de seu conhecimento, as implicações epistemológicas que representam falar de teoria, prática, investigação e crítica na universidade, somando dados empíricos com reflexão filosófica, com o propósito de fundamentar seu argumento epistemológico crítico.

Não resta senão, ao revisar as proposições, deixar abertas algumas perguntas para o exercício de argumentação neste trabalho: O turismo tem se convertido em uma ciência, uma multiciência ou um conjunto de práticas academicistas que buscam dar a ele um argumento para seu estudo por meio das descrições sistematizadas de sua realidade? É necessária uma revisão da forma de investigar e estudar o turismo que implique em paradigmas reflexivos, críticos e interpretativos para um dimensionamento mais cabal para a complexidade e multifuncionalidade dos fenômenos envolvidos? Que sentido tem falar de epistemologia do turismo? Essas e outras questões serão discorridas a seguir.

## CIÊNCIA E CIENTÍFICO

Falar de conhecimento, como ciência, comumente se tem referido a um processo objetivado, sistemático, verificável e de aplicação “universal” em argumentos e processos. Esta concepção tem como elemento básico o discurso dos positivistas que defenderam a ciência e a distinguiram do discurso religioso e metafísico. O objetivo de tudo isso era construir uma definição geral de ciência e de seus métodos e critérios para que, uma vez conseguido, fosse possível a diferenciação entre ciência e pseudociência.

Na aplicação epistemológica, Mardones (2007) esclarece a importância que teve a tradição galileiana sobre a aristotélica. Cada uma delas colocou enfoque em uma parte da construção de conhecimentos (ciência) assim como dos processos (métodos) para “validar” dito conhecimento. Além disso, a noção de ciência e do estatuto de científico veio resultar do fundamento da tarefa de fazer das ciências físico-naturais modelos ou paradigmas para qualificar as disciplinas humanas e sociais. Assim, a origem do problema está relacionada com a noção de ciência da qual se deseja partir.

Para Aristóteles, a investigação científica se iniciava onde alguém perguntava da existência de certos fenômenos a partir da observação. Mas a explicação científica somente se alcançava quando se conseguia “dar razão dos fatos” ou fenômenos. Este “dar razão dos fatos” implica dois momentos: o primeiro, o indutivo, no qual a explicação científica aparece como uma progressão ou caminho indutivo desde as observações até os princípios gerais. O segundo, o dedutivo, o qual consiste em deduzir enunciados acerca dos fenômenos a partir das premissas que incluam ou contenham os princípios explicativos (Mardones, 2007: 22). A explicação científica, desde a tradição aristotélica, exigia uma relação causal entre as premissas e a conclusão do silogismo acerca do fato ou fenômeno a ser explicado considerando o *telos* ou causa final.

A tradição galileana se caracteriza basicamente por estabelecer a explicação científica a partir da explicação causal. Desde o século XIII até o XV, filósofos com Bacon, Scoto e Grosseteste, entre outros, começaram a introduzir precisões ao método indutivo-dedutivo de Aristóteles dando lugar ao que um século mais tarde seria chamado de “ciência moderna”. A concepção desta nova ciência não é tanto metafísica e finalista como funcional e mecânica. Há um interesse dominador da natureza; o centro de reflexão é o mundo e o homem. As ânsias de poder e de controle fazem o olhar do homem um elemento coisificador que reduz a objeto a natureza para satisfazer as necessidades e utilidades (Horkheimer & Adorno, 1971).

A explicação científica, desde a tradição galileana, se caracteriza por um interesse pragmático, não busca tanto a substância subjacente aos fenômenos como as leis matemáticas que velam a estrutura real do mundo físico, mas tem uma apreensão aos fatos concretos e seu sentido de ordem e do positivo (Mardones, 2007: 25).

Em relação à noção de ciência, uma de caráter mais amplo, é a que toma como referência o vocábulo latino *scienti*, que significa saber, conhecimento, doutrina ou erudição, derivado do verbo latim *scio* – dividir, separar - e do grego *isemi*, que significa conhecer, estar informado (Hernández & Restrepo, 1959). Esta noção de *ciência* refere-se a um conhecimento que inclui, em qualquer modo ou medida, uma garantia de sua própria validade (Abbagnano, 1963:163). Diferente do conceito tradicional de ciência que o vincula com aquele tipo de conhecimento que inclui “uma garantia absoluta” de validade, a noção ampla se refere ao saber, à erudição, à doutrina e à informação que se obtém mediante a observação e reflexão e implica qualquer forma de validação. Assim é também que a produção de conhecimentos de um objeto de estudo determinado, seguido por um procedimento mais ou menos sistemático, mais ou menos rigoroso, constitui um determinado tipo de *ciência*, de saber, de erudição, de conhecimento. Certo está que a partir da entronização da *ciência moderna* o conceito de *ciência* e seu adjetivo “científico” não somente tem estabelecido procedimentos formatados, princípios unívocos, sistematização rigorosa, senão, como afirmou Kuhn (2006), paradigmas e comunidades que compartilham teorias, modelos, procedimentos mais ou menos validados e práticas e hábitos de investigação.

Com o descrédito no discurso da modernidade e o advento do pós-modernismo, a ciência passou a ter uma conotação plural. Rorty (1996) critica o conhecimento moderno por ser algo objetivo e eterno através do discurso anormal. Lyotard (1989) disse que a ciência é a pluralidade de jogos de linguagem que se originam da ruptura da idéia de que as ciências estão fundamentalmente unificadas, negando o velho princípio interdisciplinar de que as investigações do conhecimento não são interpretadas e que somente pode ser interdisciplinar aquele visto sobre o princípio da performatividade (uma categoria sistêmica). Foucault (2008) indica que a busca do conhecimento é política à medida que este está ligado às estruturas de poder; a ciência é poder. Derrida (2005) aponta através da construção, a instabilidade das condições entre a fala e a escrita nos textos científicos.

Como se pode perceber, os pós-modernistas criticam abertamente o paradigma modernista e negam todo controle objetivo e absoluta da ciência na produção do conhecimento, deixando aberto o caminho interdisciplinar como mecanismo alternativo para o desenvolvimento da ciência e do entendimento humano.

Feyerabend (1974), sobre a construção de conhecimentos, negava a possibilidade de elaborar um método que contivesse princípios firmes, imutáveis e absolutamente vinculantes como guia da atividade científica, e submeteu à crítica as mais influentes teorias da epistemologia contemporânea, desde o neopositivismo de Rudolf Carnap até o racionalismo crítico de Karl Popper, passando pela metodologia dos programas de pesquisa científica de Imre Lakatos. Para Feyerabend (1974) a ciência é uma atividade essencialmente anárquica: foge a qualquer teoria do conhecimento que pretenda reunir em um único modelo de racionalidade o rico material de sua própria história, dado que as revoluções científicas (por exemplo, o avanço do sistema ptolomaico ao sistema copernicano) acontecem quando os grandes científicos (como Galileu) sustentam teorias e pontos de vista incompatíveis com aqueles princípios considerados evidentes, violando assim os critérios de racionalidade aceitos pela maior parte dos estudiosos. Sobre tal base, em seus últimos trabalhos, como “La ciencia em una sociedad libre” (1978) ou “Adiós a la razón” (1987), propôs um modelo de sociedade livre na qual o pluralismo e as aproximações ao campo científico estão acompanhadas por um reconhecimento da legitimidade de todas as outras formas de saber, que devem ter os mesmos direitos e o mesmo acesso aos centros de poder.

A perspectiva crítica-reflexiva e interpretativa remete ao processo aonde o sujeito gera uma reconstrução de um fato, fenômeno ou dado histórico-social mediante um acesso desde o externo e desde o interno do objeto em questão. Tal distinção, aparente, é, em realidade, parte de um único processo, pois ambos momentos se complementam, se reclamam e formam parte de um todo, cuja única finalidade é a compreensão e interpretação renovada da “realidade” onimoda, ou seja, absoluta.



A perspectiva aludida analisa as meditações do sentido e compreensão dos acessos como possibilidade de captar e capturar o que os dados, fatos e fenômenos significam. Toda construção-captação persecutória de dados é uma tarefa crítica que reconstrói resolvendo, não dissolvendo, e, por isso mesmo, se converte em uma tarefa interminável que a práxis decide o fim provisório de certa análise. As categorias que se empregam para a análise, a reflexão e interpretação, são noções, mas ao mesmo tempo atos-palavras que constituem o momento de mediação do conhecimento e a “realidade”.

Esta perspectiva crítica, no investigador, provoca que não se aceite passivamente certo sistema de referências categoriais, senão que as reconstrua nos espaços de confrontação entre a inércia e a inovação. Esse terreno de confrontação se desfronteiriza por meio da interdisciplinaridade e da cooperação dos vários sistemas críticos do conhecimento. A crítica se converte em uma prática, em um exercício onde a constatação, como processo, permite o processamento construtivo e epistemológico da “coisa” a “objeto”. Se a realização crítica é uma situação em que o proceder crítico é um interrogar, um colocar perguntas às coisas, fenômenos, fatos, então a pretensão de pré-entender sua exaustividade e esgotamento discursivo não tem lugar.

O exercício crítico não pretende unicamente informar sobre algo, alcançar certo sentido, mas também construí-lo, produzi-lo; do contrário se cairia na idéia “instrumental” da crítica. Ter-se-ia uma crítica em aparência e de “aparências”.

### **SENTIDO DO INVESTIGAR, DA CRÍTICA E DO INTERPRETAR - TEORIA-PRÁTICA**

Sobre o significado da palavra “investigação”, o qual parece não ser muito claro ou ao menos não é unívoco, se pode dizer que é indefinido. Neste sentido, a fim de não perder tempo com questões triviais, o que vale a pena questionar é o que move o homem a investigar e não o que é a investigação. Buscando a objetividade, parte-se do princípio de que o que move o homem a investigar é a tomada de consciência sobre um problema a que se sente motivado em buscar uma solução, então a pergunta realizada, tanto para formular o problema, como as pesquisas para alcançar esta solução, constituem o sentido da investigação propriamente dita.

Essa reflexão leva a estar de acordo que o ponto de partida da investigação é, pois, a existência de um problema que deverá ser definido e analisado criticamente, para poder se buscar a sua solução. “O primeiro passo será, então, delimitar o objeto da investigação – o problema” (Sierra, 2001:123), dentro dos temas possíveis. Sem dúvida, falar de investigação ou tratar de ensiná-la por parte dos professores aos alunos, é algo muito delicado. É necessário reconhecer que existem diferentes níveis de investigação, escolas, correntes, e até concepções filosóficas no investigar e construir conhecimentos (Castillo Nechar & Panosso Netto, 2010).

Com o propósito de não cair em posições dogmáticas sobre o que é a investigação, nem fazer uma revisão de definições, se parte de uma concepção genérica: “a investigação é essencialidade teorizada e praticada no segmento dos dados, informações, fatos, sucessos, que são construídos em uma série de momentos que dão lugar a um processo”. Este segmento de dados e demais, vai criando um mundo categorial entre o objeto a ser investigado e o investigador; na medida em que o processo de investigação se fortalece, maior riqueza e possibilidades são geradas entre eles. Ou seja: no processo de investigação descrito se deve ir gerando uma “codificação” que permita esclarecer ou entrever determinados problemas ou níveis de problematização, o qual significa não transpor, senão *construir objetos de estudo de caráter turístico*, ou seja, que se podem reconhecer como turísticos e não propriamente econômicos, históricos, antropológicos, apenas para mencionar alguns.

Se pensarmos no investigar como capacidade humana e como adequação de nossos modos de pensar a fim de prevenir, corrigir, e/ou estabelecer uma forma de ser e de atuar, então a investigação implica uma atitude ante a vida, até a busca dos sentidos, até “a construção de conteúdos críticos além da crítica de conteúdos” (Castillo Nechar & Panosso Netto, 2010). Por isso, na pesquisa, no investigar, um aspecto importante é o sentido da crítica ante a qual se deve perguntar em que consiste, como se desenvolve e a que se propõem.

Criticar é julgar. “Julgar, de fato, é sempre um expressar, manifestar, estabelecer nexos de predicação que adêquem objetivando coisas, fenômenos, fatos [...]” (Velázquez Mejía, 1989: 23). A crítica, no como fazer investigativo, busca compreender, construir, interpretar e produzir um sentido novo, pois nada é dado que não deva e possa ser superado, é um levar-trazer o não dito ao dito, o não enunciado ao enunciado.

Somado ao conceito de crítica está o de interpretar. Interpretar é algo mais que a simples descrição, o simples mundo de essencialidades, que é uma construção mental. Interpretar se trata de um discurso por construir; é construir com tal seriedade que permitam seguras e amplas margens de atualidade e veracidade, ou seja, colocar em prática o que a “razão” vai construindo em forma abstrata. O interpretar implica detectar certa solidez nos sentidos que são comunicados; a busca de sentidos não é algo abstrato, senão social.

Frente a esse problema, nas ciências tem aparecido uma dicotomia que tem levado a pensar e crer que o teórico e o prático se contrapõem. Sem dúvidas, deve-se deixar claro que não existe a total oposição entre o conhecimento teórico, gerado pelos “artificiais” e complexos processos e/ou procedimentos “científicos”, (assim pensados ou tidos por uma grande maioria de indivíduos) e os obtidos pelo aspecto prático, senão que comumente se complementam e, pode-se dizer, se valem um do outro para determinados níveis de reflexão e construção de conhecimentos. Veja-se o exemplo da dialética que emerge na relação teoria-prática na *unidade de opostos*, a qual se refere à gestão das aporias.

Deste modo, se deve assinalar que tanto a teoria como a prática são atividades do homem social. Se for examinada a teoria não somente como “sistemas” petrificados, e a prática não como “produtos terminados”, petrificados em coisas, senão *em ação*, ter-se-ão duas formas de atividade laboral que se complementam na noção de *unidade de opostos* (Bujarín, 2003).

Na *unidade de opostos*, a teoria é prática acumulada e condensada que implica a generalização da prática do trabalho material, transformando-se em uma continuação qualitativamente particular e específica do trabalho material, é ela mesma qualitativamente uma prática especial, teórica, na medida em que é ativa é prática configurada pelo pensamento. Por outro lado, a atividade prática se vale da teoria para levar a cabo uma ação e, nesta medida, a prática é em si mesma teórica. A ação se converte em conhecimento. O conhecimento se converte em ação. A prática impulsiona o conhecimento, o conhecimento fertiliza a prática. Tanto a teoria como a prática são passos no processo conjunto da “reprodução da vida social” (Burjarín, 2003).

Desta forma, a prática se divide em teoria do conhecimento, teoria que inclui a prática, e a epistemologia real; ou seja, a epistemologia que se embasa ela mesma na unidade dos opostos (e não na identidade) de teoria e prática, que contem o critério prático, convertendo-se em critério de *veracidade do conhecimento*.

A esse respeito, Sánchez Vázquez (2003: 258) indica que a práxis é atividade subjetiva e objetiva, conhecimento teórico e prático, superação da unilateralidade da subjetividade e da objetividade, com a qual a teoria não é exterior à prática, uma vez que esta última faz parte da produção teórica.

O que se tem discutido nas linhas acima em que se relaciona com o objeto de estudo turismo? O que é a investigação turística? Implica o uso do método científico? Qual? A partir de diferentes disciplinas? Como? Quais? Que condições nos possibilitam construir conhecimentos e objetos de estudo que se chama turismo?

As respostas a tais interrogações levam a reconhecer que para construir um objeto chamado “turismo”, requer-se uma capacidade de método que permita, possibilite e fundamente um conhecimento crítico. Quer dizer, que não seja simplesmente descritivo, senão que explique e reexplique condições e estruturas internas que originam tais fenômenos. Os fatos e/ou fenômenos que formam o que é turístico são fatos sociais com necessidade de serem elucidados. Explicá-los e/ou reproduzi-los somente como elementos dominantes de uma disciplina “x”, por exemplo, é o mesmo que colocar em evidência a incapacidade para configurar os objetos do turismo.

A pesquisa turística, em cada caso, deve ser um saber-produtor ou produção de um saber-transformador. Aquilo que possibilita e impele a pesquisar não é a transposição ingênua de categorias a “realidades” determinadas, senão a compreensão ou criação de sentidos de-s-de (DE-S-

DE refere-se ao ponto neurálgico desta interpretação. Assinala o CAMINHO epistemológico: da fenomenologia da contidianeidade histórica do “se pensa” à meta-física da reflexão filosófica. um “de-s-de” que: é conjugação de dois momentos em sínteses pro-jetáveis. Fenomenologia e epifania fundamentando a “meta”-fisis de alguns modelos textualizados do pensar (Velázquez Mejía, 1991: 61). o não totalmente compreendido e criado.

O processo de construção de investigação turística deve ser desmistificado, já que a teoria e a prática não são processos contrapostos e excludentes; se em seu processo de investigação, para realidades determinadas, somente se limitar à transposição ingênua categorial, entre outras coisas, unicamente será mostrando, mais uma vez, essa incapacidade de se configurar objetos próprios do turismo.

A investigação sempre será um caminho de dúvidas, mas também deve ser de vontade e esforço empenhados em toda tarefa que se pretenda aportar algo mais além das incertezas, dogmatismos e obviedades do sedimentado nos discursos rasos do turístico, a fim de contar com informação relevante que por sua vez permita a tomada de decisões oportunas e acertada do turismo, o reconheça no concerto das coisas, dos fatos, des-cobrando e re-velando suas essencialidades.

## **ORIENTAÇÕES DA INVESTIGAÇÃO DO TURISMO EM ÂMBITO MUNDIAL**

Em âmbito mundial, desde várias décadas, a investigação do turismo tem despontado como diversas linhas que não somente tem considerado a questão econômica e mercadológica, senão também a conceitual. Tal é o caso dos resultados que apresentam Nash, Dann e Pearce (1988), quando fazem a revisão do que foi produzido desde meados dos anos 1970 até final dos anos 1980 nas revistas *Annals of Tourism Research* e *Journal of Leisure Research*, observando que os estudos predominantemente são descritivos e os de estatística descritiva e de inferência superam os outros de base conceitual com uma porcentagem de 70% por 30%, aproximadamente.

Outro recorte do que foi produzido foi feito por Jafari na década de 1990 quando reconhece quatro plataformas que estão emergindo em nível mundial: a de defesa, a de advertência, a de adaptação e a de conhecimento (Jafari, 1994) e por volta do ano 2005, ele agrega uma quinta plataforma que destaca a preocupação que os governos estão mostrando pelo turismo, no sentido dos impactos que ele sofre e pode causar (Jafari, 2005).

Cohen, já nos anos 2000, reconhece quatro áreas temáticas na investigação turística:

- Os turistas
- As relações entre turistas e locais
- A estrutura de funcionamento do sistema turístico
- As conseqüências do turismo (Cohen, 2002: 53-64).

O tipo de investigação realizada nessas áreas tem um viés fundamentalmente prático, pois são estudos relacionados com as análises de mercado, a percepção entre visitantes e visitados, caracterização de comportamentos, impactos, etc.

A partir do enfoque sociológico, ao turismo se reconhecem duas grandes vertentes em sua investigação:

- A perspectiva macro: estudos que estão focados na sociedade.
- A perspectiva micro: estudos que estão focados no indivíduo (Dann e Cohen, 2002: 301).

Ampliando um pouco mais a magnitude da pesquisa em turismo, para além das célebres definições do “maior movimento pacífico de gente” (Greenwood, 1972) até a consideração de “benção ou maldição”, “panacéia para uma nova forma de escravidão”, “brincadeira ou negócio”, “encontro ou perda” (Lanfant & Graburn, 1992), o certo é que na atualidade a pesquisa em turismo tem se orientado pelos estudos descritivos e de medição de impactos, relegando ao segundo plano a reflexão filosófica epistemológica (Castillo Nechar, Tomillo Noguero, García Gómez, 2010).

No caso mexicano, em matéria de investigação e produção de conhecimento turístico, se pode reconhecer um período relativamente recente (vide Guevara, Tresserras e Molina, 2006). A partir da década de 1960, com a criação do Instituto Mexicano de Investigaciones Turísticas (IMIT), que deu início a um processo que desde o âmbito público oficial até o privado, gerou várias orientações. O IMIT desenvolveu investigação teórica, com seus enfoques sistêmicos e industriais do turismo, como aplicações práticas na capacitação, planejamento e desenvolvimento em zonas costeiras.

A década de 1980 marcou uma mudança radical da pesquisa em turismo no México. Influenciada por orientações marxistas, funcionalistas e até certo ponto críticas, a investigação do turismo começou a despontar para modelos hipotético-dedutivos (Molina, Rodríguez e Cuamea, 1996).

As novas orientações hoje giram em torno da questão do meio ambiente, a sustentabilidade, os direitos humanos e os valores sociais e éticos pelos quais sempre se colocou o turismo, mas não com as necessidades e o enfoque do momento atual (Masri de Achar & Robles Ponce, 1997; Suárez, 1996).

Atualmente o desenvolvimento da pesquisa turística tem ganhado grande força com a participação de diversas instituições de ensino superior (IES), as quais têm desenhado e posto em prática cursos de mestrado e doutorado que buscam indagar as condições teórico-práticas que apresenta o turismo e sua atividade (Castillo Nechar, Osorio Garcia, Medina Cuevas, 2009).

No âmbito brasileiro a pesquisa em turismo iniciou-se na década de 1970, com a criação dos primeiros cursos de graduação em turismo. Nesse período não havia uma linha clara da pesquisa. A década de 1980 praticamente foi uma década perdida, e nada de inovador no campo teórico foi proposto. Somente no início da década de 1990 estudos fortemente embasados na teoria foram publicados e, em sua maioria, foram gestados na Universidade de São Paulo ou tiveram a influência dos professores que lá ensinavam. Tais estudos tiveram alicerces na teoria geral de sistemas, que ainda hoje se constitui em um paradigma dos estudos do turismo no Brasil, sendo inclusive utilizada pelo Ministério do Turismo em seus dois últimos planos nacionais de turismo que cobriram todo o período do governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003-2010).

A partir da segunda metade da década de 1990 a investigação em turismo no Brasil começou a ganhar corpo e pesquisas de cunho mais específico foram publicadas, tentando deixar para trás a miríade de estudos generalistas que estava sendo divulgada, que tratava de abordar de forma superficial as temáticas turísticas

A década de 2000 é o período mais profícuo de publicações e investigações turísticas, pois com o aumento exorbitante de faculdades de turismo e alunos de graduação em turismo (o país chegou a ter mais de 700 faculdades de turismo com mais de 80 mil alunos) levou ao surgimento de inúmeras editoras que passaram a se interessar pelo tema do turismo. Foi somente nessa década que estudos de ordem analítica, hermenêutica, fenomenológica, dialética, crítica, marxista etc., foram gestados e publicados. Foi nessa década também que alguns autores passaram a investigar sobre epistemologia do turismo, todavia, esse grupo hoje se constitui de poucos pesquisadores que merecem ser lidos e citados e parece que o tema “epistemologia do turismo” ainda não recebe a atenção merecida na atualidade no Brasil. Diz-se que ainda está em formação uma sólida, porém embrionária, constituição de uma comunidade científica em turismo neste país (Panosso Netto, 2009).

A preocupação que se observa entre os estudiosos latino-americanos é que repensar o turismo – apesar de ser uma tarefa recente – como um campo específico do saber tem uma meta muito grande: construir essa delicada tela que reúne objeto, metodologia e um acúmulo teórico, permitindo que o tema passe a ser encarado como uma área teórica com especificidades e com pretensões e avanços de construção do que pode ser denominado *ciência*.

## **PESQUISA TURÍSTICA E CONHECIMENTO PRODUZIDO: EPISTEMOLOGIA E TURISMO**

Internacionalmente algo similar ocorre: a preocupação pela construção séria e rigorosa do turismo é, na realidade, algo recente (Tribe, 2009). O objetivo não somente tem se orientado para produzir teorias, senão também para intervir em sua prática nas formas atuais de organizá-lo e classificá-lo. Certamente essas formas novas implicam interesses disciplinares que levam em conta o espacial, o econômico, o social, até o mais recente que é o ambiental. Contudo, uma questão pouco analisada no fundo é a epistemologia do turismo e do turístico.

As orientações da pesquisa em turismo permitem observar que há certas matizes e implicações na construção de seu conhecimento, que não são homogêneas. Em outras palavras, a pesquisa turística produzida apresenta orientações epistemológicas do tipo empírica, racional, realista, idealista e até cética (Castillo Nechar & Panosso Netto, 2010) que caracterizam seu discurso. Para esclarecer o tema, estabelece-se a importância que tem a epistemologia para a construção de conhecimentos teórico-práticos do turismo.

A epistemologia, etimologicamente, tem sido traduzida como a teoria da ciência, a qual gera um discurso sobre esta (Miguélez, 1977: 7) e se manifesta como um esquema normativo ao atribuir lugar aos distintos saberes, dado os objetos reconhecidos sensorial ou racionalmente. Contudo, a epistemologia não pode nem deve ser entendida desta maneira, senão como um discurso que em seu discorrer produz sentido e significado novo do conhecimento posto em jogo. Ela produz, de antemão, a necessidade de efetuar outro tipo de análise: crítica e reflexão do conhecimento do turismo e do turístico, mais além do *cânon científicista*.

O termo epistemologia, usado no início do século XIX na França, tinha um sentido bastante vago que podia confundir-se com filosofia da ciência, o qual teve um auge muito importante e crescente sedução não somente para os filósofos, mas também para os investigadores em geral que viam neste termo a possibilidade de um elemento com o qual renovar e fundamentar sua atividade *crítica* (Miguélez, 1977). Para analisar o “espírito” das ciências contemporâneas – a soma das idéias verificadas –, estimar a validade científica de novas disciplinas ou buscar a efervescência intelectual, a epistemologia parecia ser a ciência que outorgava lugar às disciplinas em seu status científico.

Uma epistemologia do turismo *rigorosa* implica não copiar argumentos tradicionais senão efetuar uma ruptura dialética com os fundamentos convencionais. Romper com a tradição não significa *coisificar* um novo discurso, mas sim compreender que a dificuldade que se põe um novo conhecimento – ciência e saber – é superar os limites que, distantes de lhe serem inerentes, somente constituem um estado provisório de desenvolvimento. O grau de avanço de uma disciplina já não se mede por sua capacidade de explicar o maior número de fatos, nem por seu distanciamento de um estado ideal da ciência como saber total e absoluto que engloba todos os objetos. “Uma ciência não avança senão comparativamente consigo mesma, com seus fundamentos; ou melhor, não avança senão ampliando-se, dando a seus conceitos de base a maior extensão” (Guéry, 1978: 128).

Muitos pesquisadores e docentes ainda consideram o conhecimento do turismo e do turístico como aquele manifestado aos sentidos e quantificados *per se*. Outros mais parecem encontrar a solução nas “bondades” do *método científico* e o *racionalismo* ao estabelecer explicações “rigorosas”, “medidas” e “exatas” do turismo. Sem dúvida, na maioria dos estudos de turismo tais esquemas de “interpretação” têm sido pouco claros, coincidindo – em realidade – no sentido da medição e exatidão científica que buscam.

É certo que existe uma contribuição importante ao estudo do turismo e do turístico que reflete nos aportes da literatura acadêmica internacional neste sentido. Sem dúvidas, a partir do ângulo sociológico, e também econômico, existe uma dominação da perspectiva positivista e empírica. É necessário abrir o estudo do turismo e do turístico ao âmbito sociológico, mais ainda, ao campo das ciências sociais com um enfoque interdisciplinar e transdisciplinar, sob um caráter crítico reflexivo que estabeleça novos sentido e significados aos objetos estudados e investigados (Castillo Nechar, 2005).

## A INVESTIGAÇÃO NA UNIVERSIDADE

Em relação aos estudos do turismo no nível superior, é freqüente que se enfoque e classifique seu conhecimento a partir de seus objetos manifestados, e não que se faça deles objetos de conhecimento. Um exemplo disso é que se estuda hotelaria, agências de viagens, serviços de alimentos e bebidas, como se isso fosse o próprio turismo; por outro lado, se estuda disciplinarmente a economia do turismo, a geografia do turismo, o planejamento turístico, e assim, desta forma, se transportam esquemas disciplinares e metodológicos sem um exercício crítico e reflexivo. O problema básico é a ausência de estudos epistemológicos do turismo a partir de tais saberes.

Dentro da universidade, o potencial que têm os estudantes e pesquisadores para criar pensamento é enorme, o problema é que quando se entende a sua situação e *originalidade*, então se mutilam as capacidades dos indivíduos.

Sobre a *originalidade* na investigação universitária, Hugo Zemelman (2003) realizou uma revisão de 140 teses de doutorado em duas instituições de pós-graduação na América Latina. Buscando seu aporte original, a conclusão a que chegou o estudo é que somente uma apresentava *originalidade*. A que chama originalidade Zemelman (2003)? À criação crítica, reflexiva e com um alto sentido e significado – renovado – dos objetos de estudo de acordo com um fundamento epistêmico, teórico e metodológico, assim como as alternativas práticas de solução que apresenta.

O pensamento crítico não surge espontaneamente, pois devem existir condições para tal. No contexto aqui proposto, o pensamento crítico não é uma esquisitice da academia, mas sim um passo vital para a sobrevivência. Comumente, nas universidades públicas se pode recolocar o pensamento crítico com informação e a informação com especialidades. Frente à urgência dos tempos, hoje se requer um pensamento crítico social que tenha idéias e não somente tecnologia. A formação de indivíduos críticos pensantes implica um grande desafio frente a uma série de questões do tempo contemporâneo e globalizado.

O conhecimento não consiste somente em explicar as teorias, senão em construir pensamento que assinale novas formas de pensar e atuar na realidade, sem dúvida, na medita que a educação



não supera a informação – muito rica e muito “ilustrada” – conduzirá à formação de alunos “ilustrados”, mas não críticos.

Hoje as lógicas capitalistas levam a estabelecer um condicionamento chamado *sujeito mínimo*: em vontade, em visão, em projetos; o estupendo cidadão que não questiona, que não critica; é o que poder-se-ia chamar de “robô” (Zemelman, 2005). A educação moderna estimula a gestão da informação, da instrumentalização, da projeção, mas não o pensamento crítico. O objetivo das universidades, desde o aporte acadêmico que pretende fazer conhecimentos do turismo, é formar indivíduos conscientes do momento histórico que se vive, mas, lamentavelmente, são formadas pessoas com base no acúmulo de conhecimentos.

Caso seja aceita a premissa de que a história se constrói e o homem se auto-constrói, isso implica que o sujeito está no centro do debate. Deve-se resgatá-lo e construí-lo, potencializando-o, enriquecendo sua subjetividade. O resgate do sujeito é saber que é um ser na história (Schutz, 1993). Isso envolve o uso de códigos epistemológicos, não disciplinares.

Hoje se enfrenta a crise das humanidades, do educativo, do social, do turístico, fato que implica colocar o presente debate. Para o conhecimento do turismo é o momento da construção, da apropriação do saber, não da informação para dar uma forma operativa. O problema é que hoje a linguagem é somente gestual, por ela o discurso deve envolver o sujeito e não deixá-lo, isto é epistemologia. Um discurso que em seu pensar produz sentido e significado novos; do contrário se corre o risco de ser deslocado pelos “robôs” que tem um programa mínimo, sem protestar.

Enquanto continua-se observando ao turismo e ao turístico como uma atividade econômica rentável que gera mais benefícios que os prejuízos que pode causar, mais se seguirá inibindo a capacidade produtiva de seu pensamento (capacidade epistêmica), da construção de um corpo teórico e metodológico que não reflete criticamente no contexto do devir da modernidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ciência e turismo têm um vínculo potencial para fazer do conhecimento produzido sobre este fenômeno um objeto de estudo, mas além de uma simples área temática, com a relevância de sua incursão em estratégias inter e transdisciplinares de investigação que permitam formular discursos de caráter epistemológico, que outorguem consistência científica ao turismo.

O despontar que pode ter o saber turístico, como disciplina de caráter científico, dependerá em grande medida de uma capacidade crítica e reflexiva que as novas tendências na investigação deste objeto de estudo possam assumir, assim como de uma capacidade hermenêutica do conhecimento posto em jogo. Sem seres pensantes, críticos, reflexivos e capazes de re-interpretar realidades tão mutantes, será difícil desligar a “teoria” do turismo dos esquemas hegemônicos.

A forma instrumental de realizar investigação turística não unicamente está deformando e voltando inconsistente o conhecimento produzido, senão que também está limitando as possibilidades de transitar até outros espaços de desenvolvimento, crescimento, sustentabilidade e convivência social em um mundo cada vez mais caótico e deteriorado em todos os sentidos.

A pesquisa do turismo em âmbito internacional mostra avanços nos enfoques teórico-metodológicos que se apresentam nas áreas temáticas atuais, mas não é menos certo que há uma carga positivista e empírica de sua orientação e perspectiva assumida.

Por outro lado, a renovação da importância da investigação nas instituições de ensino superior será vital para contribuir na formação dos estudantes, seres integralmente formados, que não somente intervenham na realidade senão que também aportem a sua área de conhecimento, com uma epistemologia turística que dê lugar a teorias e metodologias *ad hoc* ao objeto em questão.

## REFERÊNCIAS

- Abbagnano, N.** (1963) "Diccionario de filosofía". FCE. México
- Apostolopoulos, Y.; Leivadi, S.; & Yiannakis, A.** (2002) "The Sociology of tourism. Theoretical and empirical investigations". Routledge. London
- Apostolopoulos, Y.** (2002) "Introduction: reinventing the sociology of tourism." In: Apostolopoulos, Y.; Leivadi, S.; Yiannakis, A. (ed.) The Sociology of Tourism. Theoretical and Empirical Investigations. Routledge, London, pp. 1-14
- Bujarin, N. I.** (2003) "Teoría y práctica desde el punto de vista dialéctico". El Catoblepas. Revista Crítica del Presente 15 (Mayo): 9. (Disponibile en: <http://www.nodulo.org/ec/2003/n015p09.htm>)
- Castillo Nechar, M.** (2005) "Inter, multidisciplina e hibridación en los estudios socioculturales del turismo". Pasos. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural 3(2): 229-243
- Castillo Nechar, M. & Panosso Netto, A.** (2010) "Epistemología del turismo. Estudios críticos". Ed. Trillas. México
- Castillo Nechar, M.; Osorio García, M.; Medina Cuevas, J. L.** (2009) "Investigación y conocimiento turístico en México: IES y CITs". Facultad de Turismo y Gastronomía. UAEM. Toluca, México
- Castillo Nechar, M.; Tomillo Noguero, F.; García Gómez, F. J.** (2010) "Principales tendencias de la investigación turística en España y Europa". Universidad Europea Miguel de Cervantes. Valladolid, España
- Cohen, E.** (2002) "The Sociology of tourism. Approaches, issues and findings". In: Apostolopoulos, Y.; Leivadi, S.; Yiannakis, A. (ed.) "The Sociology of Tourism. Theoretical and Empirical Investigations. Routledge, London, pp. 51-71
- Dann, G. Cohen, E.** (2002) Sociology of tourism. In: Apostolopoulos, Y.; Leivadi, S.; Yiannakis, A. (ed.) "The Sociology of Tourism. Theoretical and empirical investigations. Routledge, London, pp. 301-314

- De la Torre Padilla, O.** (1980) "El turismo fenómeno social". F.C.E. México
- Derrida, J.** (2005) "De la gramatología". Ed. Siglo XXI. México
- Fernández Fúster, L.** (1978) "Teoría y técnica del turismo". Tomo I. Editora Nacional. Madrid, España
- Feyerabend, P. K.** (1974) "Contra el método: esquema de una teoría anarquista del conocimiento". Ed. Ariel. Barcelona
- Feyerabend, P. K.** (1978) "La ciencia en una sociedad libre". Ed. Siglo XXI. Madrid
- Feyerabend, P. K.** (1987) "Adiós a la razón". Ed. Teknos. Madrid
- Feyerabend, P.** (1989) "Límites de la ciencia". Paidós. Barcelona
- Foucault, M.** (2008) "Vigilar y castigar. El nacimiento de la prisión". Ed. Siglo XXI. México
- Greenwood, D.J.** (1972) "Tourism as an agent of change: a Spanish Basque case". *Ethnology* 11: p.80-91
- Guéry, F.** (1978) "La epistemología". Alianza. Madrid
- Guevara Ramos, R.; Tresserras, J.; Molina Espinosa, S.** (2006) "Hacia un estado de la cuestión en investigación turística". Sector-Cestur. México
- Hernández, E.; Retrepo, F.** (1959) "Llave del griego". Ed. Herder. Barcelona
- Horkheimer, M.; Adorno, T.** (1971) "Dialéctica del iluminismo". Ed. Sur. Buenos Aires
- Jafari, J.** (2000) "Encyclopedia of tourism". Routledge. London
- Jafar, J.** (2005) "Revampyng old challengers for integrative paradigms". VII Congreso Nacional & I Internacional de Investigación Turística. Guadalajara, Jalisco, México. Octubre 2005
- Jafari, J.** (1994) "La cientifización del turismo". *Estudios y Perspectivas en Turismo* 3(1): p.7-36
- Kuhn, T. S.** (2006) "La estructura de las revoluciones científicas". FCE. México
- Lanfant, M.F.; Graburn, N.** (1992) "International tourism reconsidered: the principle of the alternative". In V. Smith & W. Eadington (eds), *Tourism Alternatives*. University of Pennsylvania Press, Philadelphia, pp. 89-112
- Lyotard, J.; F.** (1989) "La condición postmoderna". Ed. Cátedra. Madrid
- Mardones, J. M.** (2007) "Filosofía de las ciencias humanas y sociales: materiales para una fundamentación científica". Ed. Anthropos, Barcelona
- Masri de Achar, S.; Robles Ponce, L. M.** (1997) "La industria turística: hacia la sustentabilidad". Ed. Diana. México
- Míguélez, R.** (1977) "Epistemología y ciencias sociales y humanas". UNAM. México
- Molina, S.; Rodríguez Woog, M.; Cuamea, F.** (1986) "Turismo alternativo. Un acercamiento crítico y conceptual". Ed. Nuevo Tiempo Libre. México
- Muñoz de Escalona, F.** (2004) "El turismo como objeto de conocimiento" In *Contribuciones a la Economía*, <http://www.eumed.net/ce/>, visitado en noviembre 2004
- Nash, D.; Dann, G. and Pearce, P.** (1988) "Methodology in tourism research". *Annals of Tourism Research* 15(1): 1-28
- Ortiz, L. Á.** (2001) "El proyecto de la Teoría Crítica". En: Páez Díaz de León, L. (ed.). "La Escuela de Frankfurt. Teoría crítica de la sociedad". UNAM – Escuela Nacional de Estudios Profesionales Campus Acatlán. México
- Ortuño Martínez, M.** (1966) "Introducción al estudio del turismo". Textos Universitarios. México

- Panosso Netto, A.** (2009) "Filosofía del turismo. Teoría y epistemología". Trillas. México
- Ramírez Blanco, M.** (1981) "Teoría general del turismo". Ed. Diana. México
- Rorty, R.** (1996) "Objetividad, relativismo y verdad: escritos filosóficos". Ed. Paidós. Barcelona
- Sánchez Vázquez, A.** (2003). Filosofía de la praxis. Ed. Siglo XXI. México
- Schutz, A.** (1993) "La construcción significativa del mundo social. Introducción a la sociología comprensiva". Paidós. Barcelona
- Sierra Bravo, R.** (2001) "Técnicas de investigación social: teoría y ejercicios". Ed. Paraninfo. Madrid
- Suárez Vázquez, R.** (1996) "Código de ética en el turismo". Fundación Miguel Alemán, A.C. México
- Tribe, J.** (2009) "Philosophical issues in tourism". Channel View Publications. Bristol
- Velázquez Mejía, M.** (1989) "Apuntes sobre el sentido del investigar". UAEM, Facultad de Turismo, Toluca, México
- Velázquez Mejía, M.** (1991) "Mito y utopía como estructura de la historia. Hermenéutica, filosofía, genealogía". Centro de Investigación en Ciencias Sociales y Humanidades (CICSyH). UAEM. Toluca, México
- Zemelman, H.** (2003) "Globalización y construcción de la subjetividad social en América Latina". Ponencia presentada en el Seminario Internacional: Las universidades de América Latina en la construcción de una globalización alternativa. 7 al 10 de octubre de 2003. Universidad Iberoamericana de Puebla. México
- Zemelman, H.** (2005) "El sujeto y su pensamiento en el paradigma crítico". Ed. Anthropos. Barcelona

Recebido em 16 de julho de 2010

Correções recebidas em 22 de outubro de 2010

Aceito em 30 de outubro de 2010

Avaliado anonimamente